

5

Operacionalização da pesquisa de campo

O pesquisador pode optar por focar faces quantitativas ou qualitativas, mas deve saber que nenhuma face é apenas quantitativa ou qualitativa, a exemplo do ser humano, que é claramente, quantidade e qualidade (DEMO, 2011, p. 105).

Para darmos início à apresentação dos resultados obtidos nesta investigação é preciso, primeiramente, detalharmos a metodologia utilizada e o porquê de sua escolha. Conforme já exaustivamente mencionado no decorrer deste texto, o foco central da pesquisa está voltado para o capital cultural e as percepções sobre o espaço museal dos professores que realizam visitas a esse *locus* com seus discentes.

Devido à impossibilidade de se pesquisar a totalidade de docentes frequentadores de museus, decidiu-se escolher um museu para servir de cenário para a pesquisa. Dentre as diversas possibilidades existentes, optou-se pelo Museu da Geodiversidade por três grandes motivos: 1- Ser um Museu de fácil acesso e controle por parte da pesquisadora, visto que a mesma nele trabalha; 2- O fato de ser um espaço museal universitário vinculado à extensão, o qual não apenas incentiva, mas também realiza constantemente a junção da tríade, extensão, ensino e pesquisa em todas as suas ações; 3 – A procura por visitas escolares a esse local, o que assegura a presença de sujeitos a serem investigados nesta pesquisa.

Um fator determinante também para a escolha por esse local deve-se à forma como ocorrem as visitas mediadas. Conforme já foi explicado no capítulo 3, é feita uma divisão dos visitantes escolares em dois grupos, de modo que os quatro mediadores que os atendem se dividam em duplas para acompanhá-los. Dessa forma, enquanto uma metade do público vai visitar a exposição, a outra metade fica no CEMA realizando atividades educativas. Nesse momento da realização das ações educativas, as quais são orientadas pelos mediadores, os professores ficam com tempo mais livre, o que possibilita que os mesmos possam participar de forma mais tranquila da pesquisa.

Afinal, investigar professores em visitas a museus é uma tarefa muito árdua, por ser sua presença naquele local geralmente curta, dinâmica e apressada, tanto pelas questões práticas, como por exemplo, preocupações com saída e retorno à escola, com o ônibus que, assim como eles, tem horários fixos e programados,

quanto com a própria excitação e preocupação que estar fora dos muros da escola possibilita a todos os envolvidos, sejam alunos ou professores.

Além disso, como já relatado também no terceiro capítulo, pedia-se que houvesse um adulto para cada dez alunos. Isso possibilitava a presença de muitos professores em uma mesma visita, o que ao menos em teoria seria muito rico para a pesquisa, pois ampliaria o número de docentes no Museu.

A apresentação da pesquisa e o convite para participar da mesma eram feitos, portanto, nesse momento em que os docentes ficavam no CEMA. Foi escolhida essa ocasião por não se querer privar os professores de visitarem o MGeo com a sua turma e também por ser um período no qual a própria ausência do docente era menos notada pelos alunos que estavam muito envolvidos nas atividades.

Após a aceitação para colaborar na investigação, o professor era levado para a sala administrativa do Museu da Geodiversidade, onde ele preenchia uma autorização no qual afirmava estar ciente e de acordo em participar voluntariamente deste estudo (Apêndice 1). Depois, dava-se início à pesquisa propriamente dita, que consistia no preenchimento de um questionário e na realização de uma entrevista gravada que serão mais bem explicadas posteriormente.

Não havia nenhuma restrição quanto ao docente que iria participar da investigação. Acabava-se privilegiando aquele professor que tinha realizado o agendamento da visita por ele já conhecer, ainda que “virtualmente” a pesquisadora¹⁴, e geralmente procurar pela mesma logo quando chegava ao MGeo. Entretanto, muitas vezes o agendamento não era feito por ninguém que estava na visita, logo, a pesquisa poderia se dar com qualquer um dos docentes presentes.

Outro motivo para o professor do agendamento costumar ser o escolhido para participar da pesquisa recai sobre o fato de no agendamento já ser comentado que há uma pesquisa com docentes sendo feita no Museu, que a participação é opcional e que, caso tenha interesse em fazer parte, ele pode, para adiantá-la, preencher o questionário da investigação que vai junto com um formulário para conhecimento do grupo que irá visitar o MGeo. Dessa forma, alguns professores

¹⁴ Vale lembrar que o agendamento acontecia por e-mail e que a pesquisadora deste estudo é a responsável por cuidar da agenda de visitas do MGeo.

já chegaram ao Museu da Geodiversidade com uma parte da pesquisa adiantada, o que facilitou bastante a conclusão da mesma.

Como é de se imaginar, alguns dos professores que tomaram ciência sobre a pesquisa já estando no MGeo aceitaram participar e assinaram a autorização, preencheram o questionário ou concederam a entrevista, não tiveram tempo hábil para finalizar a outra parte da pesquisa, visto que o tempo que durava cada visita dentro do espaço expositivo, assim como a extensão das atividades no CEMA, variavam bastante. Tais resultados foram então desconsiderados nesta análise, visto que só contemplaram uma das vertentes sobre as quais este trabalho procura se debruçar.

Houve ainda algumas visitas nas quais os professores não quiseram participar, ou não existiu a oportunidade de se fazer a pesquisa. Três dos motivos para essa impossibilidade foram: o atraso da escola que, por questões principalmente de transporte, acarretou na realização de uma visita de forma muito acelerada, não dando tempo para se aplicar duas ferramentas de pesquisa; porque o grupo era pouco numeroso, dispensando a divisão do público e a realização do momento um pouco mais desimpedido do professor; ou porque o público era de educação infantil e os professores ficavam mais preocupados e receosos em deixar as crianças tão pequenas (e, por conseguinte mais dependentes dos docentes) sozinhas com dois monitores desconhecidos até então pelas mesmas.

Cabe destacar que todos os professores convidados a participar desta investigação e que assinaram a autorização, sejam os que não conseguiram terminar as duas ferramentas de pesquisa, ou aqueles que não tiveram tempo sequer de fazer alguma das duas, foram solicitados a concluir ou realizar a mesma posteriormente. As possibilidades oferecidas foram o envio do questionário por e-mail, ou a ida da pesquisadora até a escola ou outro lugar do interesse do pesquisado para que ocorresse a entrevista e o preenchimento do questionário (sendo considerada inclusive a possibilidade de se fazer a entrevista pela Internet em programas de bate-papo como MSN ou Skype).

Apesar de a pesquisadora anotar os e-mails desses professores e escrever para os mesmos lembrando-os do compromisso assumido, não houve retorno de nenhum dos docentes em questão, o que, além de diminuir a quantidade de sujeitos a serem pesquisados, mostra que a participação em pesquisas acadêmicas,

ao menos para esses professores que foram ao MGeo, parece não caber em sua agenda de horários, nem em seu interesse em contribuir para esse tipo de atividade.

Logo, a pesquisa chegou a seu final, com dez docentes investigados de forma completa com questionário e entrevista (sobre os quais se debruça este estudo), com outros seis entrevistados de forma incompleta e descartados da investigação (sendo três deles somente com entrevistas e os outros três somente com questionário) de um total de 16 visitas¹⁵ ocorridas no período da pesquisa de campo.

5.1. Dificuldades encontradas: a duração da pesquisa de campo

O período destinado a pesquisar os docentes em visita a essa instituição foi determinado pelo tempo existente para a pesquisadora em dar conta de suas atividades acadêmicas. Embora o plano original fosse ficar todo um semestre realizando a parte empírica, isso não foi possível por alguns contratemplos surgidos.

Primeiramente, por ser um trabalho de conclusão de Mestrado, o qual dura apenas dois anos, só foi possível a dedicação exclusiva à pesquisa no último ano do curso. Além disso, em consequência das etapas anteriores existentes em pesquisas de pós-graduação (produção e defesa de projeto e preparação e teste dos materiais de pesquisa) a entrada no campo se deu apenas em maio de 2012, o que já acarretou a perda de alguns meses do início do ano.

Soma-se ainda o fato de que o próprio espaço expositivo não atende a visitas escolares no mês de julho (e dezembro por ser época de recesso letivo escolar) e não recebeu visitas agendadas no mês de outubro por ter ocorrido uma grande quantidade de eventos nos quais o MGeo participou e colaborou na organização, como a “1ª Feira de Ciência e Mostra Científica Estadual em Geodiversidade” (FeMCE-GEO), a “Semana Nacional de Ciência e Tecnologia” (SNCT 2012) e o 9º Congresso de Extensão da UFRJ.

Outro revés nesse mesmo ano foi a greve das universidades públicas que atingiu todo o país no período de maio a setembro, gerando especialmente no mês

¹⁵ O total real de visitas nesse período foi de 24, sendo que 8 delas foram feitas por uma rede de ensino privada que não levou professores em suas idas ao MGeo.

de setembro, uma baixa no agendamento de visitas ao Museu, por estar a equipe educativa do mesmo sem saber a disponibilidade de horários dos mediadores para o segundo semestre, o qual iniciou com grande atraso. A espera de reformulação do calendário para o novo período letivo impossibilitava o agendamento com larga antecedência, o que prejudicava as escolas interessadas, as quais também não conseguiam se programar para uma atividade extraescolar com apenas uma semana de anterioridade.

Houve ainda uma pouca produtividade em maio, pois uma rede de ensino privada carioca reservou esse mês para que a totalidade dos alunos de seus 7º e 8º anos de escolaridade visitassem o MGeo. Todavia, nesse vasto período, em quase todas as idas não enviaram professores para acompanhar os estudantes, os quais iam com inspetores, pais de alunos e/ou alunos do Ensino Médio Técnico da própria instituição, que eram estagiários da escola em questão.

O mês de novembro não pôde ser contemplado com a pesquisa, pois, o CEMA, espaço anexo ao Museu no qual se realizam as ações educativas sediou de outubro a dezembro a exposição “Água Rio de Janeiro”. Dessa forma, havia uma resistência por parte dos professores em não participar da visita mediada a essa mostra, o que era compreendida pela pesquisadora, a qual não queria também prejudicar o aproveitamento daquele espaço e de suas possibilidades pelos professores.

A pesquisa de campo durou, portanto, quatro meses, contemplando os meses de maio, junho, agosto e setembro, sendo a distribuição de professores pesquisados feita de forma desequilibrada entre esses meses, sendo o mais produtivo junho com quatro entrevistados, ou seja, uma média de um por semana.

5.2.

Entre questionários e entrevistas: os instrumentos de pesquisa

A necessidade de utilizar mais de um instrumento de pesquisa para dar conta de responder aos questionamentos referentes aos docentes em museus deve-se, principalmente, ao fato de que era preciso colher diferentes tipos de dados dos sujeitos investigados, tanto informações mais objetivas quanto mais subjetivas. Por isso, foram escolhidos o questionário e a entrevista.

O questionário foi escolhido como forma de obter as respostas mais

objetivas. É claro que a entrevista poderia também dar conta desse viés mais preciso do estudo, desde que fossem feitas perguntas estruturadas. Mas, a utilização das mesmas dificultaria a análise dos dados, o que foi enormemente facilitado pelo questionário, o qual fornece seus resultados de forma prioritariamente quantitativa. Além disso, a utilização somente da entrevista faria com que a mesma ficasse muito extensa, o que seria inviável em se tratando dos sujeitos a serem investigados neste trabalho, os quais permaneciam pouco tempo no Museu, sendo esse período plenamente ocupado com os alunos e a visita em si.

O formulário em questão (Apêndice 2) é parte de um questionário maior produzido pelo Grupo de Estudo e Pesquisa sobre o Professor e o Ensino (GEPPE) coordenado pela professora Isabel Lelis e do qual esta pesquisadora faz parte. O mesmo foi modificado para contemplar as necessidades específicas desta pesquisa, as quais se debruçavam com maior intensidade sobre os hábitos culturais dos pesquisados e de seus pais¹⁶.

Nesse instrumento, busca-se delinear o perfil dos professores entrevistados. Exatamente por isso, ele foi dividido em cinco blocos, além de uma identificação inicial na qual se preenche a data de aplicação do questionário, o nome da escola com a qual o professor veio visitar o museu, a disciplina e a série para qual leciona, assim como o curso e a instituição de formação, bem como o ano de conclusão do mesmo.

No primeiro bloco do questionário, eram feitas perguntas de múltipla escolha, as quais indagavam sobre o exercício do magistério como um todo (tempo que leciona, se pretende continuar na profissão, quais concursos públicos já fez na área, etc.), e especificamente na escola em visita (tempo de serviço nessa instituição e se exercia outras funções educacionais ou não), de modo a iniciar uma compreensão de como o exercício do magistério se dava na vida daquele profissional.

Já no bloco dois, as perguntas versavam sobre a formação do docente, detalhando não apenas quantos títulos acadêmicos possui, mas também onde foram feitas tais formações. No bloco três, o perfil cultural e profissional dos pais inicia o processo de sondagem do capital cultural escolar e de práticas culturais da

¹⁶ A adaptação do questionário aplicado nesta pesquisa considerou também os formulários presentes nos estudos de Cazelli (2005) e Cruz (2008), além do Questionário de grupos agendados do Museu Nacional. Fonte: <http://saemuseunacional.wordpress.com/professores/questionarios/>.

família de origem do professor, cuja informação é bastante relevante para esta pesquisa.

A validade desse exame se explica por Bourdieu (2010a) afirmar que o nível de instrução dos membros da família de origem de uma pessoa e o conteúdo da herança cultural transmitida pela mesma são indicadores que permitem situar o nível cultural familiar a que esse indivíduo foi exposto e que tenderá a manter.

O bloco quatro apresenta questões sobre o perfil cultural do professor, solicitando especificações sobre os hábitos de lazer dos mesmos, além de uma pergunta direcionada a fazer um levantamento dos principais espaços culturais do estado que foram ou são frequentados pelos docentes. O último bloco traz perguntas de caráter socioeconômico, com vistas a contemplar, em especial, temas como renda e poder aquisitivo dos pesquisados.

O questionário foi autoadministrado, ou seja, preenchido pelo próprio professor. Como já foi mencionado anteriormente, alguns professores responderam ao questionário antes ou após a entrevista, enquanto outros já o enviaram preenchido via correio eletrônico no momento do agendamento da visita.

Para analisá-lo não foi utilizado nenhum programa específico, sendo esse trabalho feito pela própria pesquisadora a partir do uso do programa Excel, o qual possibilitou a transformação das informações em quadros e tabelas. Contudo, esses dados estatísticos e gerais isoladamente fornecem poucas informações, sendo por isso necessário acrescentar mais detalhes e particularidades as suas respostas, o que foi conseguido com o uso de outra ferramenta de pesquisa que contemplasse a parte mais subjetiva dos professores.

O outro instrumento utilizado foi a entrevista (Apêndice 3)¹⁷. A escolha da entrevista se deve ao fato de que a mesma, segundo Duarte (2004), é crucial quando se precisa/deseja mapear práticas, valores, crenças e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, nos quais as contradições e os conflitos não estejam claramente explicitados, sendo, portanto, uma ferramenta de grande valia para se aproximar dos sentidos atribuídos à ida a espaços culturais pelos professores com suas turmas.

Acrescenta-se ainda a vantagem sobre outras técnicas, ao permitir a

¹⁷ O roteiro de entrevista teve como referência os instrumentos de pesquisa das seguintes investigações: Valente (1995), Martins (2006), Cruz (2008) e Soares (2010).

captação imediata e corrente da informação almejada, além de possibilitar correções, esclarecimentos e adaptações durante a conversa, podendo ser utilizada para qualquer tipo de informante e sobre uma grande diversidade de assuntos, afora o caráter de interação que permeia a entrevista, o qual cria uma atmosfera de influências entre quem pesquisa e quem é pesquisado (LÜDKE E ANDRÉ, 1986).

Portanto, a entrevista nesta pesquisa é compreendida como uma relação de troca e não um processo de apropriação do outro, visto se tratar de um encontro diádico, que cria um modo de sociabilidade característico, limitado temporalmente e incontinuo, no qual inicialmente os participantes da díade se confrontam como estranhos regulados por uma alteridade que aparentemente não permitiria um encontro, a qual é superada para a produção da matéria prima durante o mesmo (ROMANELLI, 1998).

Em outras palavras, com o uso da entrevista almeja-se estabelecer uma comunicação em outras bases que não o da assimetria e o da hierarquia de funções, na qual o pesquisador é o agente, que extrai os dados que considera relevantes e ao pesquisado resta apenas a função passiva de fornecer informações (OLIVEIRA, FONSECA E SANTOS, 2010).

Pois, por ser a pesquisadora funcionária do museu no qual se passa a pesquisa, tal postura e visão sobre a entrevista poderia comprometer a obtenção mais rigorosa dos dados. Não que essa posição mais dialógica exima a influência que sua função dentro daquele cenário pode causar nas respostas dos entrevistados, mas ao menos se abre uma possibilidade desse encontro ser visto mais como uma troca do que como uma inquirição.

Outro ponto que contribuiu para uma liberdade nas respostas dos pesquisados, seja no questionário ou na entrevista, é que as perguntas sobre espaços culturais não se direcionavam ao Museu da Geodiversidade, o qual tinham trazido seus alunos, mas sim a museus e demais espaços ligados à cultura de uma forma mais ampla. Assim, não havia a pressão de expressar opiniões sobre aquele espaço que visitaram, mas refletir sobre o conceito e sobre a prática de visitas de toda uma vida a esses locais.

Dentre os diferentes tipos de entrevista existentes, escolheu-se quanto aos sujeitos que a mesma fosse feita individualmente, pois a intenção era perceber como cada indivíduo se relaciona com o museu, e como o seu capital cultural acumulado principalmente através de sua família poderia ou não ter contribuído

para tais impressões.

No que tange ao estilo das perguntas, optou-se pelo modelo semiestruturado por permitir que haja um direcionamento e controle por parte do entrevistador sem, entretanto, limitar a expressão mais livre do pesquisado, possibilitando inclusive, a adaptação das questões conforme a interação e qualidade das respostas recebidas (OLIVEIRA, FONSECA E SANTOS, 2010).

Além disso, a existência de certa flexibilidade permite ao entrevistado, de acordo com sua linha de pensamento e de suas experiências em torno do assunto tratado, ser coparticipante na estruturação da pesquisa (TRIVINOS, 1987 *apud* OLIVEIRA, FONSECA E SANTOS, 2010), o que reforça uma atitude mais dialógica em relação a esse instrumento de investigação.

A entrevista foi dividida em seis blocos de perguntas. O primeiro bloco contempla apenas a identificação do entrevistado, dessa vez fornecendo nome, escola que trouxe ao museu, e o ano de escolaridade da turma visitante. O bloco dois trata de questões sobre a infância e a escolarização, propondo o diálogo sobre atividades de lazer e cultura na família de origem assim como sobre o processo de escolarização desse sujeito em relação a si mesmo (se gostava ou não de estudar, que tipo de aluno era) e a seus pais (se havia incentivo e/ou participação dos responsáveis nesse processo).

Já no terceiro bloco, se procura indagar sobre a profissão de professor, de modo que o entrevistado explique o porquê de exercer essa função e os pontos positivos e negativos da mesma. No quarto bloco, busca-se dar continuidade ao assunto de escolarização e hábitos de lazer, mas dessa vez focando nos filhos já existentes ou futuros, de modo que se tente apreender um pouco da visão de educação de qualidade e de lazer e cultura que esse sujeito tem em relação a sua própria família. Esse tipo de informação pode ser útil para se aprofundar o entendimento tanto sobre o histórico do professor pesquisado quanto sobre o presente do mesmo enquanto profissional com seus alunos.

No quinto bloco, as perguntas tratam da relação do indivíduo com os espaços culturais, procurando nesse momento dissociá-lo da função que exerce, para que se tente perceber como esse cidadão lida com o seu lazer e entretenimento em suas horas de folga e se as ações culturais fazem parte ou não de seu dia a dia. Essa seria, portanto, uma das partes mais importantes da pesquisa por evidenciar os hábitos culturais do entrevistado.

O sexto e último bloco se refere especificamente a questões que versam sobre a relação do sujeito enquanto professor com seus alunos nas atividades culturais, de modo que deixe claras as motivações, usos e pensamentos que tem sobre a relação museu e escola em especial e com espaços de cultura como um todo. Dessa forma, poderia se perceber se o perfil cultural traçado na sessão anterior da entrevista se reflete ou não na utilização dos espaços culturais quando o indivíduo está imbuído de um novo papel social, agora de educador.

Todas as entrevistas foram gravadas para facilitar a reprodução fiel do que era dito pelo entrevistado. As transcrições foram quase todas feitas pela própria pesquisadora. Contudo, em função do pouco tempo para concluir a pesquisa, as quatro últimas entrevistas foram transcritas por uma pessoa contratada para esse fim, sendo as mesmas conferidas posteriormente pela própria investigadora.

Para a análise dos dados da entrevista, foi usada a análise de conteúdo. Como esse tipo de análise pode ser feita de forma tanto quantitativa como qualitativa, optou-se por utilizar as duas formas, assim se trabalha tanto com a frequência das características que se repetem no conteúdo do texto, quanto se considera a presença ou a ausência de certa característica de conteúdo ou conjunto de características em determinados fragmentos das entrevistas (CAREGNATO e MUTTI, 2006).

Seguindo ainda a forma para a análise dos textos apresentada por tais autoras e elaborada por Laurence Bardin (1977), foram feitas as seguintes etapas: primeiramente a pré-análise que é a fase de organização, na qual foram utilizados vários procedimentos como: leitura flutuante, hipóteses, objetivos e elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação. Num segundo momento, foi feita a exploração do material com a codificação dos dados a partir das unidades de registro dos indicadores. Por fim, na última etapa foi feito o tratamento dos resultados com a interpretação e categorização, que consistiu na classificação dos elementos segundo suas semelhanças e por diferenciação, com posterior reagrupamento, em função das características comuns.

Vale lembrar, por fim, que todas as informações pessoais colhidas durante a pesquisa serão tratadas de forma confidencial, ou seja, são de conhecimento exclusivo da pesquisadora, não sendo expostas de modo que tais dados venham a ser identificados pelos leitores desta pesquisa. Para tal, serão utilizados nomes fictícios para se referir aos docentes.